

O SUCESSO MUNDIAL YOUNG ADULT

TAHEREH MAFI



# INVENCÍVEL

LIVRO 5

SECRET  
SOCIETY



SECRET SOCIETY

TRIGGER WARNINGS

Abuso

Confinamento

Discriminação

Morte

Pânico/Ansiedade

Tortura

Transfobia

Trauma

Violência

# KENJI

**E**la está a gritar.

*Está só a gritar palavras*, penso. Apenas palavras. Mas ela está a gritar, a gritar a plenos pulmões, numa agonia que quase parece um exagero, e está a causar uma devastação que nunca imaginei ser possível. É como se ela tivesse simplesmente — implodido.

Não parece real.

Quer dizer, eu sabia que a Juliette era forte — e sabia que ainda não tínhamos descoberto a verdadeira extensão dos seus poderes —, mas nunca poderia imaginar que fosse capaz disto.

Disto:

O teto está a abrir-se. As correntes sísmicas sobem pelas paredes, atravessam o chão, fazendo-me estalar os dentes. O solo ruge debaixo dos meus pés. As pessoas estão estáticas no lugar, mesmo enquanto tremem, a sala a vibrar ao seu redor. Os candelabros balançam demasiado depressa e as luzes piscam de forma sinistra. E então, com uma última vibração, três dos enormes candelabros soltam-se do teto e estilhaçam-se ao bater no chão.

O cristal voa por todo o lado.

A sala perde metade da luz e mergulha o espaço cavernoso num brilho estranho que, de repente, torna difícil ver o que está a acontecer. Olho para a Juliette e vejo-a admirada, de queixo caído e imóvel

ao reparar na devastação, e apercebo-me de que ela deve ter parado de gritar há um minuto. Ela não consegue pará-lo. Já libertou a energia no mundo e agora...

Tem de ir para algum lado.

Os tremores propagam-se com renovado fervor pelo soalho, rasgando paredes e cadeiras e pessoas.

Só acredito mesmo quando vejo o sangue. Por um segundo, parece falso, todos os corpos nos assentos de peito aberto e inertes. Parece encenado — como uma brincadeira de mau gosto, como uma má produção teatral. Mas quando vejo o sangue, espesso e denso, a ensopar roupas e estofos, a escorrer por mãos geladas, sei que nunca mais iremos recuperar disto.

A Juliette acabou de matar seiscentas pessoas de uma só vez.

Não há como recuperar disto.

Abro caminho por entre os corpos silenciosos, atordoados e ainda a respirar dos meus amigos. Ouço os gemidos suaves e insistentes do Winston e a resposta firme e tranquilizadora do Brendan de que a ferida não é tão má como parece, que vai ficar bem, que já passou por coisas piores e sobreviveu...

E sei que a minha prioridade, neste momento, tem de ser a Juliette.

Quando a alcanço, puxo-a para os meus braços e o seu corpo frio e indiferente faz-me lembrar a altura em que a encontrei de pé sobre o Anderson, com uma arma apontada ao peito dele. Ela estava tão aterrorizada — *tão surpreendida* — com o que acabara de fazer que mal conseguia falar. Parecia que desaparecia dentro de si mesma para algum lugar — como se tivesse encontrado uma pequena sala no cérebro e trancado lá dentro. Precisei de algum tempo para a convencer a voltar a sair.

Nessa altura, ela nem sequer tinha matado ninguém.

Tento dar-lhe algum sentido, implorando-lhe que regresse a si, que se apresse a voltar à sua mente, ao momento presente.



— Sei que neste momento tudo isto é uma loucura, mas preciso que te recomponhas, J. Acorda. Sai da tua cabeça. Temos de sair daqui.

Ela não pestaneja.

— Princesa, por favor — insisto, e abano-a um pouco. — Temos de ir... *já...*

E como ela continua sem se mexer, percebo que não tenho outra hipótese senão movê-la eu mesmo. Começo a arrastá-la para trás. O corpo mole dela é mais pesado do que eu esperava, e ouço-a soltar um ligeiro som sibilante, quase como um soluço. O medo inflama-me os nervos. Aceno com a cabeça ao Castle e aos outros para que partam, que sigam sem mim, mas quando olho em volta à procura do Warner, percebo que não o encontro em lugar nenhum.

O que acontece depois rouba-me o ar dos pulmões.

A sala inclina-se. Escurece-me a visão, depois clareia, e volta a escurecer nas margens num momento vertiginoso que mal dura um segundo. Sinto-me desequilibrado. Tropeço.

E então, de repente...



A Juliette foi-se.

Não em sentido figurado. Ela foi-se literalmente. Desapareceu. Num segundo, tinha-a nos braços e no outro estou a segurar o ar. Pestanejo e rodopio, convencido de que estou a enlouquecer, mas ao olhar ao redor da sala percebo que os membros da audiência começam a mexer-se. Têm as camisas rasgadas e os rostos arranhados, mas ninguém parece estar morto. Em vez disso, levantam-se, confusos, e assim que se começam a misturar, alguém me empurra, com força. Levanto a cabeça e vejo o Ian a praguejar, a dizer para me mexer enquanto ainda temos hipótese, e eu tento ripostar, tento dizer-lhe que perdemos a Juliette — que não vejo o Warner —, mas

ele não me ouve, apenas me empurra para fora do palco e, quando o murmúrio da multidão se transforma num rugido, sei que não tenho escolha.

Tenho de me ir embora.



# WARNER

— **V**ou matá-lo — vocifera ela, as mãos pequenas cerradas em punhos. — Vou matá-lo...

— Ella, não sejas tonta — digo-lhe, e afasto-me.

— Um dia — insiste ela, correndo atrás de mim, de olhos brilhantes marejados de lágrimas. — Se ele não parar de te magoar, juro que o faço. Vais ver.

Rio-me.

— Não tem piada! — grita ela.

Viro-me para a encarar.

— Ninguém consegue matar o meu pai. Ele é invencível.

— Ninguém é invencível — argumenta ela.

Ignoro-a.

— Porque é que a tua mãe não faz nada? — questiona ela, e agarra-me no braço.

Quando a olho nos olhos, ela parece diferente. Assustada.

— Porque é que ninguém o para?

As feridas que tenho nas costas já não são frescas, mas, de alguma forma, ainda doem. A Ella é a única pessoa que sabe destas cicatrizes, que sabe o que o meu pai me começou a fazer desde há dois anos, no dia do meu aniversário. No ano passado, quando todas as famílias nos vieram visitar à Califórnia, a Ella entrou-me no quarto a tentar saber para onde



tinham ido a Emmaline e a Nazeera, e apanhou-me a verificar as costas ao espelho.

*Implorei-lhe que não dissesse nada, que não contasse a ninguém o que tinha visto, mas ela começou a chorar e a insistir que tínhamos de contar a alguém, que ia contar à mãe, e por isso disse-lhe:*

— *Se contares à tua mãe, só me vais meter ainda em mais sarilhos. Por favor, não digas nada, está bem? Ele não irá voltar a fazê-lo.*

*Mas voltou.*

*E desta vez estava mais zangado. Disse-me que eu já tinha sete anos e que era demasiado velho para chorar.*

— *Temos de fazer alguma coisa — continua ela, e a voz treme-lhe um pouco. Uma nova lágrima escorre-lhe pelo rosto, que rapidamente limpa.*  
— *Temos de contar a alguém.*

— *Para — peço. — Não quero falar mais sobre isto.*

— *Mas...*

— *Ella. Por favor.*

— *Não, temos de...*

— *Ella — insisto, interrompendo-a. — Acho que há algo de errado com a minha mãe.*

*A expressão dela esmorece. A raiva desvanece.*

— *O quê?*

*Há semanas que ando com medo de dizer as palavras em voz alta, de tornar os meus medos reais. Mesmo agora, sinto o coração acelerar.*

— *O que queres dizer? — pergunta ela. — O que se passa com ela?*

— *Ela está... doente.*

*A Ella pestaneja. Confusa.*

— *Se está doente, podemos curá-la. Os meus pais podem curá-la. Eles são tão inteligentes, conseguem resolver tudo. Tenho a certeza de que também conseguem tratar a tua mãe.*

*Abano a cabeça, o meu coração agora dispara, martelando-me os ouvidos.*

— *Não, Ella, não estás a perceber... acho que...*



— O quê? — *Ela segura-me a mão. Aperta-a.* — *O que se passa?*  
— *Acho que o meu pai está a matá-la.*

# KENJI

**E**stamos todos a correr.

A base não fica muito longe daqui, e a nossa melhor opção é seguir a pé. Mas assim que chegamos à rua, o nosso grupo — eu, o Castle, o Winston, o Brendan ferido, o Ian e a Alia — fica invisível. Alguém me grita um *obrigado* ofegante, mas eu não sou responsável por isto.

Cerro os punhos.

*Nazeera.*

Estes últimos dias com ela têm-me dado a volta à cabeça. Nunca devia ter confiado nela. Primeiro odeia-me, depois odeia-me ainda mais, até que, de repente, decide que não sou um otário e quer ser minha amiga? Nem acredito que caí nisso. Nem acredito que sou tão idiota. Tem andado a enganar-me este tempo todo. A rapariga aparece do nada, por magia imita com precisão a minha capacidade sobrenatural, e depois — logo quando finge ser a melhor amiga da Juliette — somos emboscados no simpósio e a Juliette assassina seiscentas pessoas?

Nem pensar. Tretas.

É impossível que isto tenha sido apenas uma grande coincidência.

A Juliette participou naquele simpósio porque a Nazeera a encorajou. Porque a convenceu ser a coisa certa a fazer. E depois, cinco



segundos antes do Brendan ser baleado, a Nazeera diz-me para correr? Revela-me que temos os mesmos poderes?

*Tretas.*

Nem acredito que me deixei distrair por uma cara bonita. Devia ter confiado no Warner quando me disse que ela andava a esconder algo.

O Warner.

Céus. Nem sequer sei o que lhe aconteceu.



Assim que chegamos à base, a nossa invisibilidade é levantada. Não consigo saber com certeza se isso significa que a Nazeera seguiu o seu próprio caminho, mas não podemos abrandar o suficiente para descobrir. Apresso-me a projetar uma nova camada de invisibilidade sobre a equipa; terei de mantê-la o tempo suficiente até conseguirmos chegar a um sítio seguro, pois estarmos de volta à base não é garantia suficiente. Os soldados vão fazer perguntas e, neste momento, não tenho as respostas de que precisam.

Eles vão ficar lixados.

Dirigimo-nos, em grupo, para o décimo quinto andar, para a nossa casa na base no Setor 45. O Warner acabou de construir isto para nós. Desocupou este último andar todo de forma a torná-lo o nosso novo quartel-general — ainda mal nos instalámos — e as coisas já deram para o torto. Nem sequer me posso permitir a pensar nisso agora. Ainda não.

Faz-me sentir agoniado.

Quando nos reunimos na nossa sala comum maior, faço uma contagem. Estão presentes todos os membros originais, os que restam, do Ponto Ómega. O Adam e o James aparecem para saber o que aconteceu, e a Sonya e a Sara deixam-se ficar apenas o tempo suficiente para recolher informações, antes de transportarem o Brendan para a ala médica. O Winston desaparece pelo corredor atrás deles.



A Juliette e o Warner nunca chegam a aparecer.

Depressa partilhamos as nossas próprias versões do que vimos. Não demoramos muito a confirmar que todos testemunhámos basicamente o mesmo: sangue, caos, corpos assassinados, e depois — uma versão um pouco menos sangrenta da mesma coisa. Ninguém parece tão surpreendido com a reviravolta dos acontecimentos como eu, porque, de acordo com o Ian, «por aqui acontecem coisas sobrenaturais estranhas a toda a hora, não é assim tão esquisito», mas, mais importante:

Ninguém viu o que aconteceu ao Warner e à Juliette.

Ninguém, exceto eu.

Durante uns segundos, olhamo-nos uns aos outros. Sinto o meu coração pesado e a bater forte no peito. Sinto-me como se estivesse em chamas, a arder de indignação.

Em negação.

A Alia é a primeira a falar:

— Não achas que estão mortos, pois não?

O Ian responde:

— Provavelmente.

E eu levanto-me.

— PAREM. Eles não estão mortos.

— Como é que podes ter a certeza? — questiona o Adam.

— Eu saberia se eles estivessem mortos.

— O quê? Como...

— Apenas saberia, está bem? — interrompo-o. — Eu saberia. E eles não estão mortos. — Respiro fundo para me acalmar. — Não nos vamos passar — acrescento com a maior calma possível. — Tem de haver uma explicação lógica. As pessoas não *desaparecem* assim, certo?

Todos se limitam a olhar-me.

— Vocês sabem o que quero dizer — vocífero, irritado. — Todos sabemos que a Juliette e o Warner não iriam, tipo, fugir juntos.

Eles nem se falavam antes do simpósio. Por isso, faz todo o sentido que tenham sido raptados. — Faço uma pausa. Volto a olhar em volta. — Certo?

— Ou mortos — ressalva o Ian.

— Se continuas a falar assim, Sanchez, posso garantir que pelo menos uma pessoa irá morrer esta noite.

O Ian suspira, com força.

— Ouve, não estou a tentar ser otário. Sei que lhes eras próximo. Mas sejamos realistas: eles não eram próximos dos restantes. E talvez isso me faça sentir menos envolvido em tudo isto, mas também me torna mais sensato.

Ele espera, dá-me a oportunidade de responder.

Não respondo

Ele volta a suspirar.

— Só estou a dizer que, neste momento, talvez estejas a deixar que as emoções te toldem o discernimento. Sei que não *queres* que estejam mortos, mas a possibilidade de *estarem* é, tipo, muito alta. O Warner era um traidor do Restabelecimento. Surpreende-me que não o tenham tentado matar mais cedo. E a Juliette, quer dizer, é óbvio, certo? Ela assassinou o Anderson e autodeclarou-se governante da América do Norte. — Ele ergue as sobrancelhas num sinal de compreensão. — Aqueles dois têm alvos nas costas há meses.

Cerro o maxilar. Solto-o. Depois volto a cerrá-lo.

— Por isso — continua o Ian, baixinho —, temos de ser inteligentes sobre isto. Se eles estão mortos, temos de pensar nos nossos próximos passos. Para onde vamos?

— Espera... o que queres dizer com isso? — intervém o Adam, sentando-se para a frente. — Que próximos passos? Achas que temos de nos ir embora?

— Sem o Warner e a Juliette, acho que não estamos seguros aqui. — A Lily pega na mão do Ian numa demonstração de apoio emocional



que me instiga um sentimento violento. — Os soldados juraram lealdade aos dois... à Juliette em particular. Sem ela, não sei se nos seguiriam para algum lado.

— E se o Restabelecimento conseguiu assassinar a Juliette — acrescenta o Ian —, é óbvio que estão apenas a começar. A qualquer momento, irão reclamar o Setor 45. A nossa melhor hipótese de sobrevivência é considerar primeiro o que é melhor para a equipa. Já que é claro que somos os próximos alvos, acho que devemos fugir. Rapidamente. — Uma pausa. — Talvez até esta noite.

— Mano, estás doido? — Deixo-me cair na cadeira com demasiada força, sentindo-me capaz de gritar. — Não podemos simplesmente fugir. Temos de os procurar. Devíamos estar a planear uma missão de salvamento agora mesmo!

Fica toda a gente a olhar para mim. Como se tivesse sido *eu* a perder o juízo.

— Castle, senhor? — digo, tentando, sem sucesso, manter o tom firme da minha voz. — Quer intervir aqui?

Mas o Castle está afundado na cadeira. A olhar para cima, para o teto, para o nada. Parece atordoado.

Não tenho hipótese de me debruçar sobre o assunto.

— Kenji — intervém a Alia, em voz baixa. — Desculpa, mas o Ian tem razão. Acho que já não estamos seguros aqui.

— Não nos vamos embora — dizemos eu e o Adam exatamente ao mesmo tempo.

Viro-me, surpreendido. Uma sensação de esperança atravessa-me, rápida e forte. Talvez o Adam sinta mais pela Juliette do que deixa transparecer. Talvez nos surpreenda a todos. Talvez por fim pare de se esconder, de se encolher na retaguarda. Talvez, penso, o Adam esteja de volta.

— Obrigado — digo, e aponto para ele num gesto que diz aos restantes:

*Veem? Isto é lealdade.*

— Eu e o James já não vamos fugir mais — acrescenta ele, de olhos frios enquanto fala. — Compreendo que os restantes tenham de partir, mas nós vamos ficar. Eu era um soldado do Setor 45. Vivi nesta base. Talvez me deem imunidade.

Franzo o sobrolho.

— Mas...

— Eu e o James não vamos fugir mais — frisa o Adam. Bem alto. Definitivamente. — Podem fazer os vossos planos sem nós. De qualquer forma, temos de dar a noite por terminada. — Ele levanta-se e volta-se para o irmão. — Está na hora de nos prepararmos para dormir.

O James olha para o chão.

— James — diz o Adam, com um ligeiro aviso na voz.

— Eu quero ficar e ouvir — responde o James, cruzando os braços. — Podes ir para a cama sem mim.

— *James...*

— Mas tenho uma teoria — insiste o miúdo de dez anos. Diz a palavra *teoria* como se fosse nova para ele, como se fosse um som interessante na sua boca. — E quero partilhá-la com o Kenji.

O Adam parece tão tenso que a forma como contrai os ombros está a deixar-me stressado. Acho que não lhe tenho prestado atenção suficiente, porque só agora me apercebo de que parece mais do que cansado. Parece acabado. Como se pudesse colapsar, partir-se ao meio, a qualquer momento.

O James atrai-me o olhar do outro lado da sala, os próprios olhos do rapaz bem abertos e ansiosos.

Suspiro.

— Qual é a tua teoria, homenzinho?

O rosto dele ilumina-se.

— Estava a pensar: talvez toda aquela coisa de matar a fingir fosse, tipo, uma distração.

Levanto uma sobrancelha.



— Tipo, se alguém quisesse raptar o Warner e a Juliette — desenvolve ele. — Sabes? Como disseste antes. Causar uma cena como aquela seria a distração perfeita, certo?

— Bem, sim — concordo, e franzo o sobrolho. — Talvez. Mas porque é que o Restabelecimento precisaria de uma distração? Quando é que eles alguma vez foram discretos sobre o que querem? Se um comandante supremo quisesse levar a Juliette ou o Warner, por exemplo, não se limitaria a aparecer com uma caralhada de soldados para levar o que quisesse?

— *Linguagem* — repreende o Adam, indignado.

— Desculpa. Risca a palavra *caralhada* do registo.

O Adam abana a cabeça. Parece capaz de me esganar. Mas o James sorri, o que é realmente tudo o que importa.

— Não. Acho que eles não iriam entrar assim a matar, não com tantos soldados — diz o miúdo, com um brilho nos olhos azuis. — Não se tivessem algo a esconder.

— Achas que eles têm alguma coisa a esconder? — pergunta a Lily. — De nós?

— Não sei — responde o James. — Às vezes as pessoas escondem coisas. — Enquanto diz isto, lança um olhar fugaz na direção do Adam, um olhar que me faz disparar a pulsação de medo, e estou prestes a responder quando a Lily se adianta.

— Quer dizer, é possível. Mas o Restabelecimento não tem um grande historial de se preocupar com fingimentos. Há muito tempo que deixaram de fingir que se preocupam com a opinião pública. Atropelam as pessoas na rua só porque lhes apetece. Não me parece que estejam preocupados em esconder-nos coisas.

O Castle ri-se, em voz alta, e todos nos viramos para ele. Sinto-me aliviado por o ver reagir, mas ele ainda parece perdido algures na própria cabeça. Parece zangado. Nunca vi o Castle ficar zangado.

— Eles escondem muitas coisas de nós — diz, com firmeza. — E uns dos outros. — Ele respira bem fundo e por fim levanta-se.



Sorri, cauteloso, para o miúdo de dez anos que se encontra na sala.

— James, és de facto muito sábio.

— Obrigado — agradece o James, pestanejando.

— Castle, senhor? — digo, e a voz sai-me mais severa do que pretendia. — Pode dizer-nos o que raio se passa? Sabe alguma coisa?

O Castle suspira. Esfrega a barba por fazer no queixo com a palma da mão.

— Muito bem, Nazeera — diz, voltado para o nada, como se estivesse a falar com um fantasma. — Avança.

Quando a Nazeera aparece, como se do nada, não sou o único a irritar-me. Está bem, talvez seja o único a irritar-me.

Mas todos os outros parecem, pelo menos, surpreendidos.

Ficam a olhar para ela, uns para os outros, e depois todos — *todos* — se voltam para olhar para mim.

— Mano, sabias disto? — pergunta o Ian.

Estou de cara fechada.

A invisibilidade é a minha cena. A minha cena, porra.

Nunca ninguém me disse que tinha de a partilhar com alguém. Ainda por cima com alguém como a Nazeera, uma mentirosa, manipuladora...

E linda. Uma humana linda.

Merda.

Viro-me e fico a olhar para a parede. Não me posso distrair mais com ela. Ela sabe que estou interessado nela — pelos vistos, o meu fascínio é óbvio para todos num raio de vinte quilómetros, de acordo com o Castle — e tem andado claramente a usar a minha idiotice em seu proveito.

Esperta. Respeito a tática.

Mas isso também significa que tenho de me manter alerta quando está por perto. Nada de ficar a olhar. Nada de sonhar acordado com ela. Nada de voltar a pensar na forma como me olhou quando sorriu. Ou na forma como se riu, como se fosse genuíno, na mesma



noite em que gritou comigo por ter ficado surpreendido ao vê-la sem um lenço enrolado no cabelo. Que, já agora...

Como devia eu saber do passado todo dela?

Passou-se quando lhe perguntei como conseguia safar-se ao usar algo tão obviamente ilegal — ainda para mais sendo filha de um comandante supremo — e depois teve a audácia de se irritar comigo por ter ficado confuso quando o tirou.

*Ainda* estou confuso.

Agora também não tem o cabelo coberto, mas ninguém parece registar esse facto. Talvez já a tivessem visto assim. Talvez toda a gente, exceto eu, já tenha tido essa conversa com ela, já tenha ouvido a história dela sobre usá-lo simbolicamente, de vez em quando.

Ilegalmente, quando o pai não está a ver.

— Kenji — começa ela, numa voz tão nítida que me faz olhar para cima, para ela, apesar das minhas próprias ordens bem explícitas para manter os olhos na parede. Bastam dois segundos de contacto visual para o meu coração disparar.

Aquela boca. Aqueles olhos.

— Sim?

Cruzo os braços.

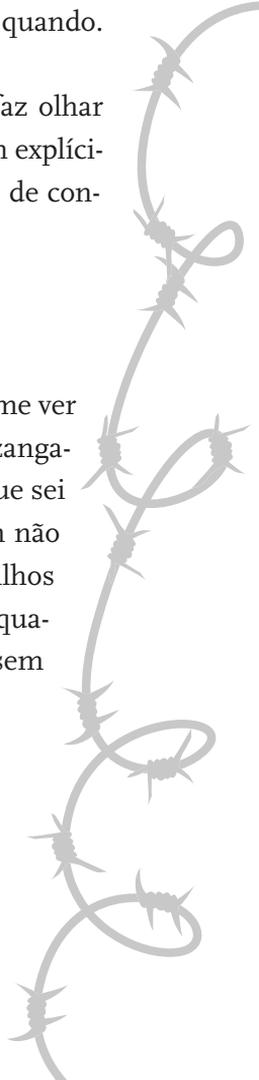
Parece surpreendida, como se não estivesse à espera de me ver chateado, mas não quero saber. Ela devia saber que estou zangado. Quero que saiba que a invisibilidade é a minha cena. Que sei que sou mesquinho e que não me importo. E que também não confio nela. Além disso, o que é que se passa com estes filhos dos comandantes supremos que são todos superbonitos? É quase como se tivessem feito de propósito, como se os tivessem criado em tubos de ensaio ou algo do género.

Abano a cabeça, para tentar desanuviá-la.

Cautelosa, a Nazeera diz:

— Acho mesmo que te devias sentar para isto.

— Estou bem.



Ela franze o sobrolho. Por um segundo, parece quase magoada, mas antes que me possa sentir mal com isso, ela encolhe os ombros. Vira-me as costas.

E o que diz depois quase me rasga ao meio.



# JULIETTE

**E**stou sentada numa cadeira cor de laranja no corredor de um edifício pouco iluminado. A cadeira é feita de plástico barato, de contornos ásperos e inacabados. O chão é de um linóleo brilhante que, de vez em quando, se cola às solas dos meus sapatos. Sei que tenho estado a respirar demasiado alto, mas não consigo evitar. Sento-me sobre as mãos e balanço as pernas por baixo do assento.

Nesse momento, aparece um rapaz. Move-se de forma tão silenciosa que só reparo nele quando para mesmo à minha frente. Encosta-se à parede em frente a mim, de olhos fixos num ponto ao longe.

Estudo-o por um momento.

Parece ter a minha idade, mas está de fato. Há algo de estranho nele; é tão pálido e rígido que parece quase morto.

— Olá — digo, e tento sorrir. — Queres sentar-te?

Ele não retribui o sorriso. Nem sequer olha para mim.

— Prefiro ficar de pé — responde, baixinho.

— Está bem.

Ficamos ambos em silêncio durante algum tempo.

Por fim, ele diz:

— Estás nervosa.

Aceno com a cabeça. Devo ter os olhos um pouco vermelhos de tanto chorar, mas esperava que ninguém reparasse.



— *Também estás aqui para arranjar uma família nova?*

— *Não.*

— *Oh. — Desvio o olhar. Paro de balançar os pés. Sinto o lábio inferior tremer e mordo-o, com força. — Então porque estás aqui?*

*Ele encolhe os ombros. Vejo-o olhar, por breves instantes, para as três cadeiras vazias ao meu lado, mas não mostra qualquer intenção de se sentar.*

— *O meu pai obrigou-me a vir.*

— *Ele obrigou-te a vir aqui?*

— *Sim.*

— *Porquê?*

*Ele olha-me para os sapatos e franze o sobrolho.*

— *Não sei.*

— *Não devias estar na escola?*

*Então, em vez de me responder, pergunta:*

— *De onde és?*

— *Como assim?*

*Nessa altura, ele levanta a cabeça e encontra-me os olhos pela primeira vez. Tem uns olhos tão invulgares. São de um verde-claro e límpido.*

— *Tens sotaque — explica ele.*

— *Oh. Tenho. — Baixo o olhar para o chão. — Nasci na Nova Zelândia. Foi lá que vivi até os meus pais morrerem.*

— *Lamento.*

*Aceno com a cabeça. Volto a balançar as pernas. Estou prestes a fazer-lhe outra pergunta quando a porta ao fundo do corredor é por fim aberta. Dela surge um homem alto, de fato azul-marinho. Traz consigo uma pasta.*

*É o Sr. Anderson, o meu assistente social.*

*Ele sorri-me.*

— *Está tudo tratado. A tua família nova está mortinha por te conhecer. Temos mais algumas coisas a fazer antes de poderes ir, mas não vai demorar muito tem...*



*Não consigo segurar-me mais.*

*Começo a chorar aqui mesmo, para cima do vestido novo que ele me comprou. Os soluços assolam-me o corpo e as lágrimas aterram na cadeira laranja, no chão pegajoso.*

*O Sr. Anderson pousa a pasta e ri-se.*

*— Querida, não há nenhuma razão para chorar. Este é um dia ótimo! Devias estar feliz!*

*Mas não consigo falar.*

*Sinto-me presa, presa à cadeira. Como se tivesse os pulmões colados um ao outro. Consigo acalmar a choradeira, mas de repente começo a soluçar, ainda com lágrimas que me escorrerem pelas faces.*

*— Quero... quero ir para casa...*

*— Tu vais para casa — diz ele, ainda a sorrir. — É esse o objetivo.*

*E depois...*

*— Pai.*

*Levanto a cabeça ao som da voz dele. É tão baixa e séria. É do rapaz de olhos verdes. O Sr. Anderson, apercebo-me, é o pai dele.*

*— Ela está assustada — diz o rapaz. E apesar de estar a falar com o pai, olha para mim. — Ela está mesmo assustada.*

*— Assustada? — O Sr. Anderson devia os olhos de mim para o filho, depois volta a mim. — O que há para ficar assustada?*

*Esfrego a cara. Tento, sem sucesso, parar as lágrimas.*

*— Como é que ela se chama? — pergunta o rapaz. Ele ainda me olha e, desta vez, retribuo o olhar. Há algo nos olhos dele, algo que me faz sentir segura.*

*— Esta é a Juliette — responde o Sr. Anderson, e observa-me. — Trágica — suspira —, tal como a sua homónima.*



# KENJI

**A** Nazeera tinha razão. Eu devia ter-me sentado.

Estou a olhar para as minhas mãos, a ver um tremor a percorrer-me os dedos. Quase deixo cair as fotografias que seguro. As fotografias. As fotografias que a Nazeera nos passou depois de nos contar que a Juliette não é quem pensamos.

Não consigo parar de olhar para as fotografias.

Uma menina mulata e uma menina branca correm num campo, ambas de sorrisos que mostram uns dentes pequenos e com o cabelo comprido a esvoaçar ao vento, levando pequenos cestos cheios de morangos pendurados nos cotovelos.

*Nazeera e Emmaline na plantação de morangos, lê-se no verso.*

A pequena Nazeera é abraçada, de cada lado, por duas meninas brancas, as três riem-se tanto que parece que vão cair.

*Ella, Emmaline e Nazeera, lê-se.*

Um grande plano de uma menina a sorrir diretamente para a câmara, de olhos enormes e azuis-esverdeados e cabelo castanho macio que lhe emoldura o rosto.

*Ella na manhã de Natal, lê-se.*



— *Ella Sommers* — diz a Nazeera.

Ela afirma que o seu verdadeiro nome é Ella Sommers, irmã de Emmaline Sommers, filha de Maximillian e Evie Sommers.

— *Algo está errado* — diz a Nazeera.

— Algo está a acontecer — insiste. Diz que acordou há seis semanas a lembrar-se da Juliette... desculpem, Ella...

— A lembrar-me dela — diz a Nazeera. — Estava a *lembrar-me* dela, o que significa que me tinha esquecido dela. E quando me lembrei da Ella, também me lembrei da Emmaline. Lembrei-me de que tínhamos crescido juntas, que os nossos pais eram amigos. Lembrei-me, mas não percebi, não de imediato. Pensei que talvez estivesse a confundir sonhos com memórias. Na verdade, as memórias surgiram-me de forma tão lenta que, por momentos, pensei que podia estar a alucinar.

Ela diz que as alucinações, como lhes chamou, eram impossíveis de afastar, por isso começou a investigar, a procurar informações.

— Fiquei a saber o mesmo que vocês. Que duas raparigas chamadas Ella e Emmaline foram doadas ao Restabelecimento e que apenas a Ella foi retirada da sua custódia, por isso recebeu um pseudónimo. Foi realocada. Adotada. Mas o que vocês não sabiam era que os pais que abdicaram das próprias filhas também eram membros do Restabelecimento. Eram médicos e cientistas. Não sabiam que a Ella, a rapariga que conhecem como Juliette, é filha da Evie Sommers, a atual comandante suprema da Oceânia. Eu e ela crescemos juntas. Ela, como os outros de nós, foi criada para servir o Restabelecimento.

O Ian pragueja, de forma bem audível, e o Adam está tão atordoado que nem reclama.

— Isso não pode ser possível — intervém o Adam. — A Juliette, a rapariga com quem andei na escola? Ela era — ele abana a cabeça —, eu conheço-a há anos. Ela não era como tu ou o Warner. Era uma rapariga calada, tímida e doce. Sempre tão *simpática*. Nunca quis



fazer mal a ninguém. Tudo o que sempre quis foi, tipo, ligar-se às pessoas. Ela estava a tentar *ajudar* aquele rapazinho na mercearia. Mas depois... acabou tudo tão mal e foi arrastada para esta confusão toda, e eu tentei — continua ele, de súbito com um ar perturbado —, tentei ajudá-la, tentei mantê-la segura. Quis protegê-la disto. Quis... Ele interrompe-se. E recompõe-se.

— Ela não era assim — afirma, agora a olhar para o chão. — Não era, até começar a passar aquele tempo todo com o Warner. Depois de o conhecer, ela simplesmente... não sei o que aconteceu. Perdeu-se, pouco a pouco — conclui, baixinho. — Acabou por se tornar noutra pessoa. — Ele levanta a cabeça. — Mas não foi criada para ser assim, não como tu. Não como o Warner. Não é possível que seja filha de uma comandante suprema... não é uma assassina nata. Além disso — termina, respirando fundo —, se fosse da Oceânia, teria *sotaque*.

A Nazeera olha-o de cabeça inclinada.

— A rapariga que conheceste tinha sofrido graves traumas físicos e emocionais — esclarece. — As memórias nativas tinham-lhe sido removidas à força. Foi despachada para o outro lado do continente como um espécime e convencida a viver com pais adotivos abusivos que a espancavam violentamente. — A Nazeera abana a cabeça devagar. — O Restabelecimento, e o Anderson em particular, garantiu que a Ella nunca se lembrasse do motivo pelo qual sofria, mas só porque não se lembrava do que aconteceu não mudava o facto de ter acontecido. O seu corpo foi repetidamente usado e abusado por um elenco rotativo de monstros. E são merdas que deixam a sua marca.

A Nazeera olha o Adam diretamente nos olhos.

— Talvez não compreendas — continua. — Eu li todos os relatórios. Entrei em todos os ficheiros do meu pai. Encontrei *tudo*. O que fizeram à Ella ao longo de doze anos é *indescritível*. — O sorriso desapareceu-lhe da cara. — Então, sim, não duvido que te lembres de uma pessoa muito diferente. Mas não acho que ela se tenha



tornado numa pessoa que não era. O meu palpite é que por fim reuniu forças para se lembrar de quem sempre foi. E se não entendes isso, então fico contente que as coisas entre vocês não tenham resultado.

Num instante, a tensão na sala é quase sufocante.

O Adam parece em chamas. Como se o fogo lhe saísse literalmente dos olhos. Como se fosse o seu novo superpoder.

Aclaro a garganta. Forço-me a dizer algo — qualquer coisa — para quebrar o silêncio:

— Então, tu também sabias do Adam e da Juliette? Não me tinha apercebido de que sabias disso. Hum. Interessante.

A Nazeera demora-se a voltar-se para me olhar nos olhos.

— Estás a brincar? — limita-se a dizer, fulminando-me como se eu fosse um completo idiota.

Acho que é melhor não insistir no assunto.

— Onde arranjaste estas fotografias? — pergunta a Alia, mudando de assunto com mais habilidade do que eu. — Como podemos confiar que são verdadeiras?

A princípio, a Nazeera limita-se a olhá-la. E parece resignada quando responde:

— Não sei como vos convencer de que as fotografias são verdadeiras. Apenas posso dizer-vos que são.

A sala fica em silêncio.

— Porque é que isto sequer te interessa? — questiona a Lily. — Porque devemos acreditar que te importas? Com a Juliette, com a *Ella*? O que tens a ganhar em ajudar-nos? Porque trairias os teus pais?

A Nazeera volta a endireitar-se no lugar.

— Sei que vocês todos pensam que os filhos dos comandantes supremos são um bando de psicopatas despreocupados e amorais, felizes por serem os robôs militares que os nossos pais queriam que fôssemos, mas nada é assim tão simples. Os nossos pais são uns



homicidas maníacos com a intenção de governar o mundo; essa parte é verdade. Mas o que ninguém parece compreender é que os nossos pais escolheram ser esses homicidas maníacos. Nós, por outro lado, fomos forçados a sê-lo. E só porque fomos treinados para sermos mercenários, não quer dizer que gostemos. Nenhum de nós pôde escolher esta vida. Nenhum de nós gostou de ser ensinado a torturar antes mesmo de saber conduzir. E não é uma loucura imaginar que, por vezes, até as pessoas horríveis procuram uma saída da sua própria escuridão.

Os olhos da Nazeera brilham de emoção enquanto fala, e as suas palavras perfuram o colete salva-vidas que tenho em volta do coração. A emoção volta a afogar-me.

*Merda.*

— Será assim tão louco pensar que me posso preocupar com as raparigas que amei como se fossem minhas irmãs? — insiste ela. — Ou com as mentiras que os meus pais me obrigaram a engolir, ou com as pessoas inocentes que os vi assassinar? Ou talvez até com algo mais simples do que isso... que posso ter aberto os olhos um dia e percebido que era parte integrante de um sistema que não só estava a devastar o mundo, como também a massacrar todos os que nele vivem?

*Merda.*

Consgo senti-lo, consigo sentir o meu coração a encher, a encher. Sinto o peito apertado, como se estivesse inchado, como se nele já não coubessem os pulmões. Não me quero importar com a Nazeera. Não quero sentir-lhe a dor, nem sentir-me conectado a ela, ou sentir o *que quer que seja*. Apenas quero manter a cabeça fria. Ficar calmo.

Forço-me a pensar numa piada que o James me contou no outro dia, um trocadilho estúpido — qualquer coisa a ver com queques —, uma piada tão má que quase chorei. Concentro-me na



memória, na forma como o James se riu da sua própria parvoíce, a ponto de roncar com tanta força que lhe caiu um pouco de comida da boca. Sorriu e olhou para ele, que parece prestes a adormecer na cadeira.

Rapidamente, o aperto que sinto no peito começa a diminuir.

Agora estou mesmo a sorrir, a pensar se não será estranho gostar mais de piadas más do que de piadas boas, quando ouço o Ian dizer...

— Não é que pareças insensível. É só que estas fotografias parecem tão convenientes. Como se as tivesses prontas para partilhar. — Ele olha para a única fotografia que segura. — Estas raparigas podiam ser quaisquer umas.

— Olha com atenção — diz a Nazeera, e levanta-se para ver de perto a fotografia que ele tem nas mãos. — Quem achas que é?

Inclino-me — o Ian não está longe de mim — e espreito-lhe por cima do ombro. Nem faz sentido negá-lo; a semelhança é incrível.

A Juliette. A *Ella*.

É apenas uma criança, talvez com quatro ou cinco anos, em frente à câmara, a sorrir. Estende um ramo de dentes-de-leão para o fotógrafo, como se lhe quisesse oferecer um. Depois, mesmo ao lado, há outra figura. Um rapazinho louro. Tão louro que tem o cabelo branco. A olhar intensamente para o dente-de-leão solitário que segura nas mãos.

Quase caio da cadeira. A Juliette é uma coisa, mas isto...

— Aquele é o *Warner*? — pergunto.

O Adam levanta de imediato a cabeça. Olha primeiro para mim, depois para a Nazeera e então aproxima-se para ver a fotografia. As sobrancelhas disparam-lhe pela testa.

— Não pode ser — comenta.

A Nazeera encolhe os ombros.

— Não pode ser — volta a dizer o Adam. — *Não pode ser*. Isso é impossível. Não é possível que eles se conheçam há tanto tempo. O Warner não fazia ideia de quem a Juliette era antes de vir para cá.



— Dada a aparente indiferença da Nazeera, ele acrescenta. — Estou a falar a sério. Eu sei que achas que estou a dizer disparates, mas não estou errado sobre isto. Eu estava lá. O Warner literalmente entrevistou-me para ser companheiro de cela dela no asilo. Ele não sabia quem ela era. Nunca a tinha conhecido. Nunca lhe tinha visto a cara, pelo menos não de perto. Metade dos motivos pelos quais me escolheu para colega de cela dela foi porque eu e ela tínhamos um passado, por achar isso útil. Ele interrogou-me durante horas sobre ela.

A Nazeera suspira devagar, como se estivesse rodeada de idiotas.

— Quando encontrei estas fotografias — explica ao Adam —, não conseguia perceber como as tinha descoberto tão facilmente. Não compreendia porque é que alguém guardaria provas como estas mesmo debaixo do meu nariz, ou as deixaria tão fáceis de encontrar. Mas agora sei que os meus pais nunca esperaram que as procurasse. Tornaram-se descuidados. Acharam que, mesmo que eu as encontrasse, nunca saberia para o que estava a olhar. Há dois meses, eu poderia ter visto estas fotografias e assumido que esta rapariga — ela tira de uma pilha uma fotografia dela própria, do que parece ser de um jovem Haider e de uma rapariga magra de cabelo castanho com uns olhos azuis brilhantes —, era uma miúda da vizinhança, alguém que eu conhecia, mas que nem me preocuparia em tentar lembrar.

» Mas lembro-me. Lembro-me de tudo. Lembro-me do dia em que os nossos pais nos disseram que a Ella e a Emmaline se tinham afogado. Lembro-me de adormecer a chorar todas as noites. Lembro-me do dia em que nos levaram para um sítio que eu pensava ser um hospital. Lembro-me de a minha mãe me dizer que em breve me sentiria melhor. E depois, lembro-me de não me lembrar de nada. Como se o tempo, no meu cérebro, se dobrasse sobre si mesmo. — Ela levanta as sobrancelhas. — Percebes o que te estou a tentar dizer, Kent?

Ele olha-a com hostilidade.

— Percebo que achas que sou idiota.

Ela sorri.

— Sim, percebo o que estás a dizer — concede ele, obviamente irritado. — Estás a dizer que as tuas memórias foram todas apagadas. Estás a dizer que o Warner nem sequer sabe que eles se conheciam.

Ela levanta um dedo.

— Não sabia — corrige. — Ele não sabia até pouco antes do simpósio. Tentei avisá-lo... e ao Castle — acrescenta, com um olhar fugaz para o Castle, que mantém os olhos na parede. — Tentei avisá-los de que algo estava errado, que algo grande estava a acontecer, mas que não sabia bem o quê ou porquê. O Warner não acreditou em mim, claro. Também não sei se o Castle acreditou. Mas não tive tempo para lhes fornecer as provas.

— Espera, o quê? — digo, de sobrancelhas franzidas. — Contaste ao Warner e ao Castle? Antes do simpósio? Contaste-lhes isto tudo?

— Tentei.

— Porque não contaste simplesmente à Juliette? — pergunta a Lily.

— Queres dizer à Ella.

A Lily revira os olhos.

— Claro, Ella. O que seja. Porque não a avisaste diretamente? Porquê contares a todos menos a ela?

— Não sabia como ela iria reagir à notícia — explica a Nazeera. — Ando a tentar decifrá-la desde que cheguei, mas nunca consegui perceber o que sentia por mim. Não achei que confiasse por completo em mim. E depois de tudo o que aconteceu — ela hesita —, nunca me pareceu ser a altura certa. Ela levou um tiro, esteve a recuperar, depois acabou tudo com o Warner, e simplesmente... não sei. Ela entrou numa espiral. Não andava num estado de espírito saudável. Já tivera de digerir uma data de revelações e não parecia estar a lidar bem com elas. Para ser sincera, não sabia bem se ela conseguiria aguentar muito mais e preocupava-me o que poderia fazer.

— Assassinar seiscentas pessoas, talvez — murmura o Ian.



— Ei — protesto. — Ela não matou ninguém, está bem? Foi um truque de magia qualquer.

— Foi uma distração — esclarece a Nazeera, segura. — O James foi o único que percebeu. — Ela suspira. — Eu acho que isto tudo foi encenado para fazer com que a Ella parecesse volátil e desequilibrada. Aquela cena no simpósio irá, sem dúvida, minar a posição dela aqui, no Setor 45, ao incutir medo nos soldados que lhe juraram fidelidade. Será descrita como instável. Irracional. Fraca. E depois... facilmente capturada. Eu sabia que o Restabelecimento queria que a Ella desaparecesse, mas pensei que simplesmente destruíssem o setor por inteiro. Estava enganada. Esta foi uma tática bem mais eficiente. Eles não precisavam de matar um regimento de soldados em perfeitas condições e uma população de trabalhadores obedientes — conclui ela. — Apenas precisavam de desacreditar a Ella como sua líder.

— Então, o que acontece agora? — questiona a Lily.

A Nazeera hesita. Depois, cautelosa, responde:

— Quando terminarem de punir os cidadãos e aniquilarem por completo qualquer esperança de rebelião, o Restabelecimento vai virar toda a gente contra vocês. Irão estabelecer recompensas pelas vossas cabeças ou, pior, ameaçar assassinar entes queridos se os civis e os soldados não vos entregarem. Tinhas razão — dirige-se ela agora à Lily. — Os soldados e os cidadãos juraram lealdade à Ella e, com ela e o Warner mortos, irão sentir-se abandonados. Não terão razões para confiar em vocês. — Uma pausa. — Diria que têm cerca de vinte e quatro horas antes que venham reclamar as vossas cabeças.

O silêncio abate-se sobre a sala. Por um momento, acho que toda a gente para de respirar.

— *Merda* — pragueja o Ian, deixando cair a cabeça nas mãos.

— O melhor que podem fazer é uma realocização imediata — sugere a Nazeera bruscamente —, mas não sei se poderei ajudar muito a esse respeito. O local para onde irão fica ao vosso critério.

— Então o que é que estás sequer a fazer aqui? — vocifero, irritado. Agora compreendo-a um pouco melhor, sei que tem tentado ajudar, mas isso não muda o facto de ainda me sentir na merda. Nem de ainda não saber o que sentir em relação a ela. — Apareceste só para nos dizer que vamos todos morrer e pronto? — Abano a cabeça. — Tão prestável, obrigado.

— Kenji — repreende o Castle, quebrando por fim o silêncio. — Não há necessidade de atacaes a nossa convidada. — Ele fala num tom calmo e firme. Senti falta disso. — Ela de facto tentou falar comigo, avisar-me, enquanto esteve cá. E quanto a um plano de contingência — continua ele, falando para a sala —, dêem-me um pouco de tempo. Tenho amigos. Não estamos sozinhos, como bem sabem, na nossa resistência. Não é preciso entrarmos em pânico, não para já.

— Não para já? — repete o Ian, incrédulo.

— Não para já — confirma o Castle. Depois: — Nazeera, e o teu irmão? Consequiste convencê-lo?

Ela respira fundo, libertando um pouco a tensão nos ombros.

— O Haider sabe — explica para os restantes. — Também tem andado a lembrar-se de coisas sobre a Ella, mas as memórias que tem dela não são tão fortes como as minhas, e até ontem à noite não percebia o que se passava com ele mesmo, quando decidi contar-lhe o que tinha descoberto.

— Espera — interrompe o Ian. — Confias nele?

— Confio o suficiente — afirma ela. — Além disso, achei que tinha o direito de saber; ele também conhecia a Ella e a Emmaline. Mas não ficou inteiramente convencido. Não sei o que vai decidir fazer, não para já, mas pareceu-me mesmo abalado com o assunto, o que creio ser um bom sinal. Pedi-lhe que investigasse um pouco, que tentasse descobrir se algum dos outros filhos também se começou a lembrar de coisas, e ele disse que o faria. Para já, é tudo o que tenho.



— Onde *estão* os outros filhos? — pergunta o Winston, de sobrolho franzido. — Eles sabem que ainda estás cá?

A expressão da Nazeera torna-se sombria.

— Todos os filhos deveriam ter regressado assim que o simpósio terminou. O Haider já deve estar a caminho da Ásia. Tentei convencer os meus pais de que ia ficar para um pouco mais de reconhecimento, mas não creio que tenham acreditado. Por certo vou ter notícias deles em breve. Irei lidar com as coisas à medida que forem surgindo.

— Então, espera... — Desvio os olhos dela para o Castle. — Vais ficar connosco?

— Não era bem esse o meu plano.

— Oh — digo. — Ainda bem. Isso é bom.

Ela arqueia uma sobrancelha para mim.

— Tu sabes o que quero dizer.

— Acho que não sei — diz ela, e de súbito parece irritada. — Enfim, apesar de não ter *planeado* fazê-lo, acho que terei de ficar.

Arregalo os olhos.

— O quê? Porquê?

— Porque — explica ela —, os meus pais têm-me mentido desde criança, roubaram-me as memórias e reescreveram a minha história, e quero saber porquê. Além disso — ela respira fundo —, acho que sei onde estão a Ella e o Warner, e quero ajudar.



# FICARÁ JULIETTE VULNERÁVEL À ESCURIDÃO QUE A CONSOME?

**Juliette não é quem pensava.**

Ela achava que tinha derrotado o Restabelecimento. Que tinha assumido o controlo da sua vida, do seu poder e da sua dor. Mas só agora começou a desvendar uma vida inteira de mentiras, e vê-se confrontada com uma escolha familiar...

**Ser uma arma. Ou ser uma guerreira.**

Desta vez, não está sozinha. Mais forte, corajosa e resiliente do que nunca, Juliette lutará com amigos ao seu lado. Mas primeiro tem de sobreviver à guerra dentro de si.

**Ela tem de se lembrar de quem era.**



**No quinto livro da série bestseller *Shatter Me*, Juliette e Warner lutam pela vida e pelo amor numa arrebatadora história de leitura imersiva e compulsiva.**



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[seekthebutterfly.pt](https://www.seekthebutterfly.pt)  
[secretsocietypt](https://www.instagram.com/secretsocietypt)  
[#seekthebutterfly](https://www.facebook.com/seekthebutterfly)

ISBN: 978-989-583-807-3



9 789895 838073

